



**PRESIDENTE PRUDENTE: UM ESTUDO SOBRE OS TEMPOS E ESPAÇOS DA SOCIABILIDADE JUVENIL DAS GERAÇÕES DE 1950 E 1970**

**PRESIDENTE PRUDENTE: UN ESTUDO ACERCA DE LOS TIEMPOS Y ESPACIOS DE LA SOCIABILIDADE JUVENILE DE LAS GERACIONES DE 1950 Y 1970**

**Fernanda Aparecida de Souza**

Graduada em Geografia na Universidade Estadual Paulista, FCT – Unesp  
Campus de Presidente Prudente, Rua Roberto Simonsen, 305, Centro  
Educativo, CEP: 19061-250, Presidente Prudente – São Paulo  
Email: Ferasouza@yahoo.com.br

**Resumo:** Essa pesquisa visa compreender as transformações no espaço urbano a partir das trajetórias de vida de sujeitos sociais. Nesse sentido, estudamos as gerações que viveram sua juventude na cidade de Presidente Prudente nas décadas de 1950 e 1970; utilizando como instrumento a história oral, fonte pela qual se reconstrói a memória do tempo da juventude. Assim, por meio de entrevistas (em face ao que já foi escrito sobre Presidente Prudente), pudemos perceber os vários contextos em que os sujeitos estavam inseridos, de modo que as memórias individuais dos nossos entrevistados foram reveladoras da vivência coletiva da sociedade Prudentina em cada época. Dada as características culturais, socioeconômicas e espaciais vigentes; conclui-se que a cidade de Presidente Prudente, os espaços de sociabilidade e suas práticas, se reestruturaram no decorrer do tempo.

**Palavras chave:** Presidente Prudente. Sociabilidade. Geração.

**Resumen:** Esa pesquisa tiene como objetivo comprender las transformaciones del espacio urbano a partir de las trayectorias de vida de los sujetos sociales. En ese sentido, estudiamos las generaciones que vivieron su juventud en la ciudad de Presidente Prudente en las décadas de 1950 y 1970, utilizando la historia oral como un instrumento, fuente por la cual reconstruye la memoria de lo tiempo de la juventud. Así, através de entrevistas (a la luz de lo que se ha escrito sobre Presidente Prudente), podríamos percibir los varios contextos en que los sujetos fueron insertados, de modo que las memorias individuales de los nuestros entrevistados revelaran la vivencia colectiva de la sociedad Prudentina en cada época. Teniendo en cuenta las características culturales, socioeconómicas y espaciales vigentes, llegamos a la conclusión de que la ciudad de Presidente Prudente, los espacios de sociabilidade y sus prácticas se reestructuran con el tiempo.

**Palabras-clave:** Presidente Prudente. Sociabilidad. Generació

## **Introdução**

Tomamos a sociabilidade das juventudes de Presidente Prudente como parâmetro para compreender os processos de transformação da própria cidade e suas conexões com o mundo.

Nesse sentido, estudamos as gerações que viveram sua juventude na cidade, durante as décadas de 1950 e 1970, utilizando como metodologia a História Oral, ferramenta pela qual, buscamos reconstruir a memória daqueles que participaram, enquanto jovens, de cada um desses períodos. A partir dessa memória, tivemos acesso a história da cidade e dos espaços e tempos de sociabilidade juvenil.

Segundo Turra Neto (2008, p.90) “cada trajetória biográfica é reveladora das trajetórias mais amplas da cidade e de seus diferentes espaços de sociabilidade, além de apresentar vivências específicas do espaço urbano”. Complementando o exposto, temos que

[...] Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. É isso que a marca como história viva. (MEIHY, 2002, p.15).

Este trabalho teve como objetivo reconstruir as trajetórias espaço temporais de transformação da cidade de Presidente Prudente, tendo como base as transformações nos espaços, tempos e práticas de sociabilidade juvenil da geração de 1970, a fim de também compreender as múltiplas relações entre transformações no espaço e nas práticas espaciais.

Os referenciais teóricos versaram sobre a técnica da entrevista em História Oral, a memória, geração e a sociabilidade juvenil no contexto da sociedade moderna. Esses temas são explorados ao longo do trabalho e reforçados através das contribuições obtidas com as entrevistas realizadas com as gerações juvenis de 1950 e 1970. Esses temas foram abordados através de autores como Simmel (1983), Hall (1992) e Tedesco (2001), dentre outros.

Quanto à sociabilidade, a partir de Simmel (1983), podemos entender o termo, como sendo a participação espontânea das pessoas nas relações sociais e nos grupos; esses escolhidos, mais por afinidade do que por interesse. Nessa relação, cria-se um ambiente ideal e confortável a todos, não tendo objetivos preestabelecidos que não sejam

a própria relação e sua manutenção; ou ainda:

[...] O sentimento de estar se relacionando com outras pessoas e estar tendo prazer com esse relacionamento. Deve ser um sentimento de satisfação, de prazer, por estar integrado a um grupo com o objetivo exclusivo de gozar a relação com outras pessoas. (CETRULO, 1999, p. 17).

Em outras palavras, através dos espaços onde os jovens de diferentes gerações se reuniam para a conversação - que é a expressão mais visível de sociabilidade (MAIA, 2002) -, buscamos reconstruir como a cidade foi se transformando.

Já a juventude tratada nesse trabalho, em uma concepção genérica, pode ser entendida como uma etapa da vida que constitui uma fase intermediária, onde não se é mais criança, mas também não se é adulto. Então, ela vem a se tornar a etapa do preparo para a vida adulta, onde há maior liberdade para viver novas experiências, devido a maior disponibilidade de tempo livre e ao menor peso da responsabilidade, pois o jovem se encontra na posição transitória de sujeito pouco experiente.

No entanto, salientamos que essa concepção tem como modelo o modo de transição para a vida adulta das classes mais privilegiadas, nas quais os setores juvenis podem viver uma situação de suspensão das responsabilidades da vida adulta. Porém, com a difusão da escolarização, a mundialização de uma cultura juvenil, que se pode realizar pelo consumo, essa experiência se estendeu a todos os segmentos sociais, tal qual podemos verificar diante das transformações ocorridas durante as duas décadas expressas através dos relatos apresentados nesse trabalho.

Assim, temos que a juventude de cada período, seria a categoria social que estaria mais aberta a experimentar o novo, vindo de várias escalas geográficas, do que as gerações mais velhas que lhe são contemporâneas. Também é preciso considerar que a juventude nem sempre foi condição acessível a todos, sendo mais limitada e vivida de forma mais circunscrita nos anos de 1950 do que nos anos de 1970.

A fim de reconstruir o viés da história da cidade, também foi fundamental ter contato com material bibliográfico disponível. Encontramos em autores como Abreu (1972) e Sposito (1983), importantes fontes de informação, que vieram a ser complementadas, posteriormente, pelas fontes orais. Além disso, por trabalhar com informações provenientes de entrevistas, pelas quais tivemos acesso a memória, nos

apoiamos em autores como Meihy (2002) e Thompson (1998), além de autores cuja contribuição maior se refere à aplicação da História Oral e da entrevista.

Após o trabalho com os materiais bibliográficos, buscamos através de entrevistas, “conhecer” pessoas que viveram sua juventude na cidade de Presidente Prudente nas décadas de 1950 e 1970 e, por meio de suas memórias, tecer o cenário das práticas de sociabilidade, bem como sua estruturação no tempo e espaço.

Assim, através das fontes orais (entrevistas gravadas), que posteriormente, foram transcritas e analisadas, em conjunto com o as fontes escritas, obtivemos uma história mais completa e viva da cidade de Presidente Prudente, por meio da qual podemos tecer nossas considerações.

Tal trabalho possibilitou saber como era a cidade de Presidente Prudente e como era “ser jovem” em cada período, dados os diferentes contextos socioeconômicos e culturais vigentes e, também, compreender como a sociabilidade juvenil se espacializava na cidade.

### **As formas, os tempos e os espaços da sociabilidade juvenil em Presidente Prudente**

Para que esse trabalho atingisse os objetivos propostos, focamos, tanto nas fontes orais, quanto nas fontes escritas, nos seguintes aspectos:

- Como era a cidade de Presidente na década de 1950 e na década de 1970?
  - Quais eram os espaços de sociabilidade e consumo existentes e frequentados?
  - Como era a vida social?
  - Quais eram as influências e referências culturais, e como se dava o acesso a elas?
- Como era a juventude prudentina em cada época?

Essas questões foram orientadoras para o roteiro utilizado durante as entrevistas e a análise dos referenciais bibliográficos.

Como resultados, temos que cada geração em Presidente Prudente teve uma juventude específica, com suas variações culturais, além das diferentes durações. Observamos que a juventude tem durado cada vez mais com o decorrer do tempo, devido a transformações na área da educação e do trabalho.

Nossos colaboradores forneceram um cenário de diferenças entre os espaços e práticas de sociabilidade, sobretudo segmentadas entre os diferentes sexos e classes sociais. Por exemplo: havia locais específicos para rapazes, locais exclusivos para associados, locais onde só quem tinha carro poderia ir (devido à distância), etc. Contudo, essas diferenças foram sendo superadas, através do aumento da renda dos jovens, disponibilizada pelo trabalho e, também, pela maior liberdade que foi sendo proporcionada pelos pais (principalmente da geração de 1970).

Constatamos, primeiramente, para a geração juvenil de 1950, a presença forte de um universo cultural muito mais próximo do rural e do tradicional, do que propriamente do urbano. Famílias migrantes se fixaram na zona rural da região de Presidente Prudente, produzindo culturas como amendoim, café e algodão. Os jovens que ali viviam, estudavam em escolas existentes no meio rural. Nas fazendas e sítios eram constantemente realizadas quermesses e bailes, eventos esses que reuniam jovens de toda a redondeza, inclusive da área urbana.

Quanto aos espaços de sociabilidade dessa época, temos a área rural próxima a Montalvão, onde havia fazendas em que ocorriam eventuais festas. A esse respeito, temos a contribuição do Sr. M. que inicialmente morava em uma fazenda e posteriormente se mudou para a cidade.

M.: Que eu vinha para a cidade? Era sábado. Quando eu vinha era sábado. Quando não tinha baile no sítio, nós vínhamos pra cidade. J quando tinha baile no sitio, nós íamos ao baile. E eu jogava bola no domingo.

F.: e o pessoal da cidade também ia aos bailes?

M.: ia também. Ia para os bailes no Montalvão e nos sítios perto da cidade.

F.: e tinha muitos bailes no sitio?

M.: tinha.

No meio urbano, ocorriam festas em escolas e clubes e comemorações cívicas em espaços públicos. A sociabilidade juvenil ocorria principalmente na área central da cidade, com a prática do *footing* na Praça Nove de Julho (um passeio realizado por rapazes e moças, numa espécie de paquera coletiva), que mais tarde, passou a ser complementada pelo movimento de veículos, principalmente na Avenida Washington Luiz

(área central), estendendo-se também para outras áreas da cidade.

A seguir, apresentamos um trecho da fala da entrevistada, senhora M.E. (ex-moradora de São Paulo, na época) que viveu sua juventude na década 1970. Ela fala sobre o *footing*, bem como sobre a área central da cidade:

[...] Uma primeira coisa que me chamou a atenção e foi ser inesquecível pra mim, foi que no primeiro sábado após a minha chegada em Presidente Prudente, da própria janela do hotel, que fica ali naquele quarteirão onde hoje é o Banco do Brasil, exatamente em frente a atual sede do Banco do Brasil; eu comecei a verificar que os carros passavam em uma espécie de *footing*, não é? Mas não era *footing*, porque não era a pé, é... De jovens, não é? Que passavam para paquerar, para ver quem estava na calçada, para passar em frente aos bares e restaurantes... Que naquele tempo, os pontos de encontro eram todos no centro da cidade... E então eu fui até a janela do primeiro andar e fiquei olhando, e fiquei assim... Impressionadíssima, porque havia buzinas, barulho... Os carros andavam bem devagarzinho... Nessa mesma noite de sábado, a gente saiu para ir jantar alguma coisa ali pelo centro e eu vi que em volta da Praça Nove de Julho tinha um outro grupo; esse que não tinha carro, fazendo de fato o *footing*. Eu mesma, de fato, nunca tinha ouvido falar nessa expressão: *footing*.

Era principalmente na área central que, nas duas gerações, ocorria o encontro dos diferentes atores sociais, devido à oferta de atrativos, tanto em espaços públicos, quanto privados. O que alimentava o movimento de pessoas e carros nessa área eram os cinemas (Cine João Gomes, Cine Fênix e Ouro Branco), com matinês e sessões no período noturno; os bares, os restaurantes e as lanchonetes (como Tio Patinhas, H2; etc.); o restaurante e boate Ambassador; a fonte; os serviços de alto-falantes; além de outros espaços que foram surgindo, principalmente na década de 1970, na Avenida Washington Luiz; representada nas figuras 1 e 2.



Avenida Washington Luís em 1953

**Figura 1:** Avenida Washington Luís em 1953

**Fonte:** Emubra, 2011.



Vista da avenida Washington Luís a partir estação ferroviária em 1973

**Figura 2:** Vista da Avenida Washington Luís a partir da estação ferroviária em 1973

**Fonte:** Emubra, 2011.

Comparando as duas figuras, podemos observar modificações diversas, como: asfaltamento das ruas, maior número de edificações (estas com aspecto mais moderno), ausência de pessoas nas calçadas, veículos estacionados, etc. Essas transformações

ocorridas em cerca de vinte anos, compreendidos no recorte temporal estudado, ressaltam o fato de a cidade e seus habitantes assumirem novas formas e práticas, ao longo do tempo, resultando em um local e modo de vida cada vez mais urbano.

Foi com base nessas transformações que Presidente Prudente ganhou a aparência efetiva de cidade e desenvolveu sua vida urbana. Os novos espaços e serviços urbanos foram acompanhados pelo desenvolvimento de novas práticas e valores, mais urbanos, por assim dizer.

Cabe, no entanto, ressaltar que essa urbanização que Presidente Prudente alcançou ficou circunscrita ao seu quadrilátero central, compreendido entre as quatro avenidas (Avenida Brasil, antiga Avenida do Estado; Avenida Washington Luís, antiga Avenida Antônio Prado; Avenida Manoel Goulart e Avenida Coronel Marcondes). Fora dessa área central, os serviços e infraestruturas urbanas foram chegando tardiamente e os seus habitantes estiveram pouco integrados à nova realidade urbana da cidade [...] (VALENTE 2005, p. 39).

Além das transformações no *footing*, temos também aquelas nos outros locais que movimentavam tal prática, como nos cinemas. Estes, que de início eram dois no Centro da cidade (Cine Fenix e Cine João Gomes), tornaram-se quatro (Cine Presidente e Cine Ouro Branco, instalados em 1959 e 1965; respectivamente), foram entrando em decadência, concomitante ao *footing* na praça e na Rua Nicolau Maffei – hoje calçada de Presidente Prudente. Além desses, havia também um cinema no Jardim Aviação, pouco citado pelos entrevistados.

Os seguintes locais foram mencionados por alguns entrevistados:

Localizados na área central e frequentados apenas pela juventude da década de 1950: Bar Haidamus, Sorveteria Cruzeiro do Sul, Lanchonete e Pizzaria Matsubara. Também o bar Tio Patinhas, a padaria São Paulo (localizada na Avenida Manoel Goulart), o bar Copo Sujo (na Avenida Brasil), e o clube ACAE (Associação Cultural Agrícola Esportiva) existiram nessa época e continuam suas atividades até os dias atuais.

Outros espaços foram frequentados apenas pela juventude da geração de 1970: Ipanema Clube, Clube San Fernando e restaurante H2 (também existentes atualmente). Notamos que esses espaços de encontro se estendiam além da área central (apesar desse ser o local de maior expressividade).

Havia também a zona do baixo meretrício, localizada nas proximidades do distrito de Montalvão (mais afastado do centro) e com um grande número de estabelecimentos



com atividades, principalmente no período noturno, que se estendiam por toda a noite. Apesar de fazer parte os espaços de sociabilidade, tanto da geração de 1950, quanto de 1970, após alguns anos ela deixa de existir, por motivos desconhecidos pelos colaboradores.

Na década de 1970, principalmente devido às facilidades de transporte, com a maior presença do automóvel na sociabilidade juvenil, seus espaços se expandiram ainda mais. Nesse contexto, os jovens passam a frequentar eventos e espaços nas cidades da região: os clubes de cidades como Presidente Bernardes, Presidente Epitácio, Rancharia, a represa de Martinópolis e outras cidades vizinhas.

### **Considerações Finais**

Na década de 1950, temos uma juventude que não estava tão diferenciada do mundo adulto, não se constituindo (pelo menos para a parcela da juventude dessa geração que a pesquisa teve acesso por meio entrevistas) como um tempo de preparação para a vida adulta, com uma cultura e com tempos e espaços específicos de sociabilidade juvenil, pois seus espaços e tempos eram, em sua maioria, os mesmos da família.

Já na década de 1970, podemos caracterizar a sociabilidade como propriamente juvenil, pois os jovens detinham maior liberdade, os espaços não eram mais aqueles de lazer da família. Temos uma maior conexão do jovem com o mundo, devido à melhoria nos transportes e comunicações, que garantiu à juventude maior acesso a referências culturais globais e, portanto, os jovens e as jovens de Presidente Prudente, no período, podiam se colocar em sintonia com a cultura de massa que se difundia com rápida velocidade, em detrimento dos espaços, práticas e tempos de sociabilidade dos anos anteriores.

Concluimos que, em 1950, havia espaços e práticas de sociabilidade que eram interditas às mulheres e moças, como alguns dos bares do centro e imediações, que eram espaços eminentemente masculinos, não propriamente juvenis. Já na década de 1970, uma sociedade mais complexa, com maior pluralidade de opções de espaços e práticas de sociabilidade, tais interdições eram menos pronunciadas.

Com essa pesquisa ficou evidente a importância da cidade na região, e do seu centro, que se afirma como eminentemente comercial, para onde convergiam fluxos os mais diversos, tanto em busca de mercadorias e serviços, quanto em busca de locais de

sociabilidade.

As referências buscadas pelos jovens, transmitidas, sobretudo pelo rádio, na geração de 1950 e pela televisão, na geração de 1970, é que alimentavam os espaços e práticas de sociabilidade juvenis. Observamos que esses espaços vão perdendo sua rigidez e se tornando cada vez mais amplos e diversificados, na medida em que esses jovens vão alcançando, cada vez mais; liberdade de transitarem; seja a liberdade proporcionada pelos avanços nos meios e vias de transporte e comunicação, ou nas práticas e costumes cotidianos, que vão se transformando no decorrer do tempo.

Por fim, concluímos que o espaço onde se vive influi nas trajetórias de vida e nas relações de cada sujeito ao recorte circunscrito. E o inverso também se nota: esses mesmos sujeitos receberam reflexos de cada contexto vivido, em cada lugar e tempo; transformando assim, suas trajetórias de vida.

## **Referências**

ABREU, D. S. *Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente*. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1972.

ABRAMO, H. W. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

CARRANO, P. C. R.. *Jovens na cidade*. Trabalho e Sociedade, Cidade, Ano 1, n° 1.

COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B.. A técnica da entrevista na pesquisa social. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v.9, p. 143- 159. 1998.

EMUBRA. Disponível em:

[http://camarapprudente.sp.gov.br/historia/hist\\_oeste/cidades/pprudente/fotos\\_historicas.html](http://camarapprudente.sp.gov.br/historia/hist_oeste/cidades/pprudente/fotos_historicas.html)

HALL, M. M. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. *Cidade*, São Paulo (cidade). Secretaria municipal de cultura. Dep. DPH, 1992.

MAIA, R. C. M. Sociabilidade: apenas um conceito? *GERAES – Estudos em Comunicação e Sociabilidade*, Belo Horizonte, n. 53, 2002.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5 e 6, p. 15 – 24, mai/dez, 1997. Disponível em: [www.anped.org.br/rbe/rbe.html](http://www.anped.org.br/rbe/rbe.html)

SIMMEL, G. Sociabilidade – um exemplo de Sociologia Pura ou Formal. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia* (org. MORAES FILHO). São Paulo: Ática, 1983. p. 165 –181. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

SPOSITO, M. E. B. *O chão em Presidente Prudente: a lógica da expansão territorial urbana*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pós Graduação em Geografia UNESP/Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, 1983.

TEDESCO, J.C. *Memória e cultura: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memórias de nonos*. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

THOMPSON, PAUL. *A Voz do Passado: Historia Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TURRA NETO, N. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade*. Tese (Doutorado em Geografia) – Pós Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2008.

VALENTE, LUIS PAULO. *Lazer e vida urbana em Presidente Prudente/ SP*. Tese. Pós-Graduação em geografia, FCT/UNESP. Presidente Prudente, 2005.

WHITACKER, Arthur Magon. *A produção do espaço urbano em Presidente Prudente: uma discussão sobre a centralidade urbana*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP. Presidente Prudente, 1997.

**Recebido em: 23/06/2013**

**Aceito para publicação em: 30/08/2013**